



## Na Mídia

27/07/2021 | [Justificando](#)

### As Facetas do Racismo no Esporte e na Vida

Karen Luise Vilanova Batista de Souza | Robson de Oliveira



*“Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos esses brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável.” Frantz Fanon*

Recentemente no final da Eurocopa a população negra assistiu consternada mais uma página da história mundial do racismo. Três jovens negros, jogadores da Inglaterra, entraram em campo para baterem os pênaltis e assim garantir a vitória de seu país no campeonato. Lamentavelmente eles erraram, e o que se viu foi um desfile de ofensas: bananas, macacos, “voltem para a África!!”.

Ao contrário do que se possa imaginar, não houve qualquer surpresa na reação da torcida e de outros apreciadores do futebol, uma vez que comumente comportam-se desse modo quando o sujeito negro não corresponde suas expectativas, não atende seus desejos, não cumpre a função para a qual se viu sentido em sua existência.

Uma das primeiras experiências de rejeição social das pessoas negras aparece por meio dos apelidos na escola e os efeitos dessas constantes agressões, principalmente quando não são repreendidas e contextualizadas, acabam por permear todas as áreas dessa vida humana, marcando subjetividades, que se vêm objetificadas e atacadas em seus desempenhos para todo o sempre.

O repertório de ofensas dirigidas à raça, principalmente em situação de um suposto fracasso individual, presta-se para demonstrar a superioridade dos sujeitos brancos, bem como a condição de animais dos sujeitos negros. Seguem-se à piada ou à ofensa, o riso, o ódio e o desprezo. E nessa dinâmica de hierarquização e objetificação não cabem afetos, fragilizam-se os sujeitos, o não pertencimento sobressai, assim como desejo de desistir.

O questionamento que se propõe é: se os erros fossem protagonizados por pessoas brancas a reação dos torcedores seria a mesma? Seriam elas assemelhados a animais? Ser-lhes-iam ofertados alimentos que os relacionassem a um determinado “irracional”? Seria sugerido seu retorno ao país de origem? Certamente não!

Em inúmeros episódios de fracasso no esporte quando protagonizados por pessoas brancas podemos perceber que é muito diferente o tratamento que lhes é dispensado por quem deposita grandes expectativas em seus desempenhos. Elas recebem o consolo e o conforto! São amparadas, fortalecidas, acolhidas, abraçadas, com carinho, amor e atenção. Inclusive, e diga-se que tudo corretamente, com apoio psicológico para superarem o trauma em decorrência do seu “fracasso”.

Mas podemos ir além: como reagiriam as torcidas se houvesse sucesso na cobrança dos pênaltis? Infelizmente, muito provável que a vitória fosse atribuída ao time. Ali os jovens dedicados, esforçados e talentosos jogadores não teriam feito nada além de suas obrigações enquanto profissionais representantes da seleção inglesa.

Nesse sentido, a vitória é coletiva. Por outro lado, quando é a derrota que se experimenta, a responsabilidade não é do grupo, não é da camiseta, não é do país, nem do time: a derrota é do negro/a, a quem deve ser dirigido o ódio e o desprezo, por frustrar desejos de diversão e deleite. São corpos que não performam! São apenas corpos! Afinal, como denunciava Fanon: “um homem negro não é um homem.”

Diante disso, a ele podem ser impingidas toda as formas de ódio e violência (o insucesso do negro gera repulsa, o do branco a empatia).

E assim, em todas as situações possíveis e imagináveis não há *fair play*, pois quando os erros e perdas são protagonizados por sujeitos negros não existe uma aceitação de forma tranquila e serena. Há um movimento para destilar raiva, ódio e externar distância e distinção entre nós (a responsabilidade pelo erro não é minha nem do meu grupo racial, a responsabilidade é do outro).

Nesse contexto, outra reflexão possível: Por que será que os jovens erraram o pênalti? Qual pressão experimentaram antes de entrar em campo? Quanto essa pressão foi determinante para o resultado que os fizeram ineficazes? O que foi ponderado a eles antes do início da partida? Como eles entraram em campo sabedores que eram dessa responsabilidade?

Com efeito, há que se refletir sobre o quanto pessoas negras tão capacitadas travam em entrevistas, em processos seletivos nos quais teriam todas as chances de muito bem desempenhar e obterem êxito e aprovação. O motivo é evidente: a força da estrutura racista que pesa sobre suas mentes e seus ombros, fazendo com que sejam eliminadas antes mesmo de iniciar o jogo. Ele já está perdido desde o começo, porque as relações de poder e opressão já determinaram quem pode ganhar.

Obviamente, o indivíduo branco sofre pressão quando entra em campo. Contudo, aquela sofrida pelo negro é multiplicadas vezes superior.

Independentemente das caminhadas, quando entramos em qualquer espaço somos iguais: eu sou igual a você. Mas se eu erro, sou exterminado. Se você erra, é abraçado.

Enfim, lamentavelmente falamos aqui não apenas do jogo de futebol, mas do jogo da vida, no qual que todo dia uma pessoa negra sofre, padece e é exterminada por conta do racismo existente no país e no mundo.

As sociedades evoluídas, que dizem que o racismo é algo primitivo, na verdade movimentam-se para mantê-lo de diferentes formas e permanecer reproduzindo e perpetuando práticas adotadas ao tempo em que propalava que negros sequer alma detinham. E esse é mais um dos incontáveis episódios, cuja maioria sequer é reportada nessa estrutura perversa existente no país e no mundo.

Assim é no esporte, assim é na vida!

Ficam as reflexões neste momento de união mundial pelo esporte em jogos olímpicos, pois precisamos estar atentos para que todas as pessoas possam exercer sua cidadania e escrever suas histórias em igualdade.

Há tudo de humano em todos nós!

***Karen Luise é juíza de Direito na 1ª Vara do Júri de Porto Alegre/RS.***

***Robson de Oliveira é advogado do escritório Demarest Advogados.***

